O SUCESSO DO AGRO

PEDRO DE CAMARGO NETO*

O agro é tech. *O agro é* pop. *Houve uma grande mudança em como o setor passou a ser percebido pela sociedade. A alteração é, certamente, um resultado do importante crescimento da produção, da renda e do emprego das populações nas regiões produtoras, das exportações do setor e do seu efeito no saldo da balança comercial, além do reflexo nas divisas externas do País, características reconhecidas até pelos mais céticos. O que ocorreu? Como explicar? Vale relembrar.*

SUBSÍDIOS GOVERNAMENTAIS caíram drasticamente desde o fim da conta-movimento do Banco do Brasil (BB), em 1986. O apoio oficial do crédito rural permaneceu, com altos e baixos. Sobrevivemos aos planos heterodoxos, que, em trocas de indexadores, chegaram a produzir um enorme e indevido endividamento, que demorou uma década para ser contestado, renegociado, absorvido e, para alguns resistentes, vencido na justiça.

A estabilidade econômica, a significativa queda de juros reais na economia, os novos instrumentos de crédito – em especial a Cédula de Produto Rural (CPR) – e a crescente participação do setor privado no financiamento ao setor representam conquistas. Contudo, ainda não são o suficiente para explicar a transformação do setor.

A pesquisa e a incorporação de tecnologias tiveram, e continuam tendo, um papel fundamental. A soja, produto líder, é um exemplo. A incorporação de bioinsumos desenvolvidos pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) cinquenta anos atrás foi decisiva. O avanço continuou com a tecnologia conservacionista do plantio direto desenvolvida por produtores. Hoje, incorpora-se na mesma área, em sequência, um segundo plantio anual, de milho, com novas variedades genéticas desenvolvidas pelo setor privado ampliando a competitividade simultaneamente da soja e do milho. Aumentos de produtividade, anuais e cumulativos, em todas as produções foram essenciais.

Nas proteínas animais, houve os avanços da integração com a indústria, a genética e o manejo, além do destaque no enfrentamento da questão sanitária. De milhares de focos de febre aftosa nos bovinos, caminhamos para a erradicação da doença. Assustados, hoje, pelo aparecimento da gripe aviária, encontramos um setor organizado e preparado para enfrentar o desafio. O avanço em sanidade foi conquistado por meio da liderança do setor privado na essencial

SHUTTERSTOCK



parceria com os setores públicos de defesa agropecuária federal e estaduais.

Sem dúvida, a eficiência e o aumento de produtividade agronômica e zootécnica têm um papel importante. Sempre são destacados, mas estão longe de explicar o sucesso. As reformas estruturais que ocorreram foram essenciais, pois nenhum aumento de produtividade dentro da fazenda iria viabilizar o ocorrido.

No momento em que caminhamos com uma reforma tributária, é importante lembrar a aprovação da Lei Kandir, em setembro de 1996. Foi um chamado para a reforma do agro. Uma decisão do Congresso Nacional ampliou a competitividade do setor, posicionando-o a se tornar o líder mundial que é hoje. Eliminar a exportação de impostos – no caso, Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) de produtos primários e semielaborados – foi uma enorme conquista.

Ampliamos os mercados externos, mas não por meio de negociações comerciais. O grande acordo assinado no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC), a Rodada Uruguai com um acordo agrícola e, posteriormente, a Rodada Doha foram positivos ao dificultarem retrocessos, porém não abriram mercados. Ofereceram certo *status quo* ao ambiente do comércio internacional, em aberturas de mercado e subsídios. O Brasil ampliou muito as exportações, porque os países, em especial asiáticos e no Oriente, passaram a importar muito mais. E o País estava preparado para exportar.

O aumento da produtividade agronômica e zootécnica tem um papel importante, mas está longe de explicar o sucesso. As reformas estruturais que ocorreram foram essenciais.

Cabe destacar que, em março de 1990, foi realizada de maneira unilateral uma importante abertura econômica. A redução das alíquotas do imposto de importação sobre insumos e equipamentos aumentou a competitividade. A redução dessa barreira – infelizmente, a única que ocorreu até hoje – pressionou o setor, forçando a sua competitividade e criando condições para concorrer no exterior. Na mesma data, o fim da administração autárquica do comércio exterior, com a retirada de poderes da Carteira de Comércio Exterior (CACEX), do BB, foi também relevante, pois sempre existiu um forte viés antiagrícola na pretensa visão de agregar valor impondo custos à produção agropecuária.

Hoje, claudicamos com uma única negociação comercial com a União Europeia (UE), que nunca termina. Realizado em conjunto com o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), o acordo, certamente, aproximou politicamente os quatro países, mas nunca foi de fato concluído, pois exigiria uma harmonização de políticas macroeconômicas que, individualmente, são muito frágeis.

Engatinhamos no enfrentamento do chamado "custo Brasil". Um importante ponto, porém, foi enfrentado ampliando a competitividade do agro. A reforma portuária realizada em 1990 permitiu a construção de terminais de contêineres e graneleiros privados em portos existentes, reduzindo de maneira significativa os custos desse elo. Outros portos e terminais foram construídos depois. Com certeza, outras reformas estruturais são necessárias.

A "lei áurea" do café e do açúcar foi obtida com a extinção das autarquias Instituto Brasileiro do Café (IBC) e Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA). O comércio era fortemente estatizado. As usinas de açúcar de São Paulo, extremamente eficientes, eram impedidas de exportar. Ao serem elas libertas, rapidamente o Brasil se tornou líder mundial.

Nunca podem ser esquecidos o arrojo e o empreendedorismo do produtor rural que, migrando do Centro-Sul ao Centro-Oeste e, agora, ao chamado MATOPIBA (região formada por áreas dos estados do Maranhão, de Tocantins, do Piauí e da Bahia), carregou cultura e educação tecnológica. O sucesso, porém, deixou muitos produtores para trás. Como exemplo, o produtor de algodão do Paraná, que foi pressionado a mudar de atividade, enquanto surgia o de Mato Grosso, que nunca tinha plantado algodão. Foi uma mudança difícil, sofrida, necessária e que muitos outros setores da economia não enfrentam, escondendo-se atrás da proteção estatal.

O desafio atual é a questão climática na redução das emissões de carbono. O desmatamento ilegal, hoje a maior fonte de emissões, precisa ser eliminado, e rapidamente. A agricultura de baixo carbono, por meio da qual já temos um bom início, precisa ser acelerada. A recuperação de extensas áreas de pastagem degradada, onde ocorreu o aumento recente de área plantada, representa uma importante oportunidade. É válido lembrar que o setor já ofereceu o etanol – criação da pesquisa nacional extremamente relevante na substituição do combustível fóssil – e que, hoje, amplia a oferta com o biodiesel de soja.

A pressão externa na questão ambiental, em especial vinda da UE, fará com que nos organizemos, o que deveríamos ter realizado de maneira independente. O resultado será o reconhecimento das características positivas – e que continuamos a ampliar – de um setor moderno e preparado para enfrentar o desafio das transformações climáticas.

Reforma tributária, abertura ao exterior, desburocratização, pesquisa e conhecimento e empreendedorismo com parcerias do público com o privado foram a fórmula do agro. Precisamos mais do mesmo em outros setores, e continuidade no agro. ■

*Pecuarista, ex-presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB) e ex-secretário da Secretaria de Produção e Comercialização do então Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SPC/MAPA)